



Gaiato



**PORTE
PAGO**

Quinzenário * 19 de Dezembro de 1987 * Ano XLIV — N.º 1142 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

PASSAGEM DO TESTEMUNHO

Pai Américo deixou um testamento. Constituiu seus herdeiros: Os padres da rua; as senhoras «que deixaram tudo para se darem e gastarem ao serviço da Obra sem esperança de outra recompensa senão a de Deus»; os rapazes, casados ou não, que desejam servir a Obra «animados pelo mesmo espírito»; e «todos aqueles por quem a Obra é e a quem serve». A herança é a Obra da Rua. É tão necessária ela é! Basta ver, todas as manhãs, o Ilídio, o Ricardo e o Pedro à volta da lareira. São os mais pequeninos. E os outros que esperam, não se podem contar. Em todas as Casas é assim. No Calvário há camas vazias porque faltam os braços que deitem os doentes, dêem a comida, os lavem e acompanhem com o coração de apaixonados de Cristo.

Pai Américo viu e pôs-se à disposição do Senhor. Outros e outras seguiram-no e vão queimando suas vidas. A fidelidade é semente de mais vocações. Creio!

Na hora da passagem do testemunho do padre Telmo para os meus ombros, vejo a grandeza e beleza de seu coração de padre da rua. Medito as palavras de Pai Américo aos seus padres: «Foram escolhidos... Devem guardar e fazer render o dom da escolha, na fragilidade das suas misérias».

Eis-me aqui... para servir os nossos padres, as senhoras da Obra, os casais, os rapazes, os doentes e todos aqueles para quem a Obra da Rua é — os Pobres.

Padre Manuel António

NATAL



Que melhor imagem de Natal para todo o mundo? Tão expressiva! «Vinte e Cinco» e «Cebolinha» foram «Lixo da rua».

AQUI LISBOA!

«Felizes os que se deixam apaixonar pelos Pobres! Nós não temos no mundo outros vestígios de Cristo. Não há ninguém no mundo que tanto se pareça com Ele. Ninguém que o Mestre tanto tenha encarado.» (Pai Américo)

Saindo este número d'O GAIATO a poucos dias do Natal, apesar de tudo, mal ficaria se não nos referíssemos a esta data marcante da história dos homens, que não só dos cristãos. E dizemos, apesar de tudo, tendo em vista as profundas contradições entre o verdadeiro significado do evento e as realidades da vida: guerras, fomes, misérias morais e físicas, etc., etc. E, mais grave ainda, sobretudo se nos dizemos cristãos, é o facto de a pretexto do Natal se cometerem os maiores excessos, que

nenhuma referência encontram no Presépio, antes o contradizem.

Se é certo que o Natal deveria acontecer sempre, julgamos, no entanto, que esta época do ano deveria constituir um pretexto muito sério para uma reflexão aprofundada do Mistério da Encarnação, consequente e renovadora. Nasceu o Salvador de todos, gerado no seio de Maria, trazendo ao mundo uma Mensagem de paz, de justiça e de amor. Mesmo para aqueles que não acreditam, quanto mais para os que se dizem crentes, a interpelação é suficientemente forte e comprometedora.

Combater as injustiças, re-frear os esbanjamentos e as ganâncias, partilhar do que se tem com os menos favorecidos, dar a mão aos necessitados, cumprir com os deveres de

estado, eis alguns aspectos que todos poderíamos meditar e praticar à luz do acontecido em Belém, há quase dois mil anos. Se o fizermos, podemos ter a certeza de que estamos a viver o Natal.

Como gostaríamos que a toda a parte chegasse um verdadeiro eco do Natal! Que em todas as paróquias e lugares, nas famílias e junto das pessoas solitárias ou doentes, sobretudo dos mais pobres e abandonados, se pudesse ouvir a multidão do exército celeste: «Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens que Ele ama».

Para todos os nossos Amigos, na linha do que atrás escrevemos, vão os votos, mais veementes e sentidos, de um bom Natal.

Padre Luiz

A Festa do Natal entrou nos costumes como data de alegria e de bondade. O centro da Festa é o Menino. Assim reza a liturgia deste tempo: «Um Menino nasceu para nós, um Filho nos foi dado». É nosso. Somos d'Ele. Todos à uma podemos dizer com verdade que somos irmãos. Somos? É uma pergunta a fazer em cada Natal.

Temos esta certeza: Este Menino é Filho de Deus. Perfeitamente Deus e perfeitamente homem. Nasceu para comunicar aos Seus irmãos humanos a Vida de filhos do mesmo Pai. A mesma dignidade, os mesmos deveres para todos.

Ah, temos que recuperar a verdade do Natal! Buscarmos a alegria, a beleza, a justiça e a paz — aspiração das pessoas. Não é verdade? O Natal é a resposta a este desejo dos homens. No Menino que cele-

bramos, Deus vence as distâncias que nos separam uns dos outros. Fez-Se nosso irmão. Em cada criança encontramos-nos com Ele. Encontramo-lo em cada jovem. Na mãe aflita, também. No lar desfeito chama por nós. Ao doente incurável leva o sentido da dor. Ao garoto da rua dá a Casa de família, a confiança e a alegria.

Precisamos de recuperar o verdadeiro sentido do Natal: Encontro com o Filho de Deus em cada uma das criaturas. O mundo será outro. Podemos falar, com verdade, em nova terra.

Ao pensarmos que este projecto está em nossas mãos, como reagimos? O Natal é um desafio sempre renovado à generosidade e à capacidade de doação alegre da nossa vida.

Padre Manuel António

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Imagens frescas, colhidas no Advento. Não tarda o Natal! É um moço cuja mulher *anda por lá*, mas ficou juridicamente na posse do filho, ora entregue a uma ama, a troco de mensalidade e tudo o mais.

Apesar dos fracos ganhos, procura cumprir, por amor à criança: — *Ele é meu filho!*

No entanto, períodos há em que o salário não chega para os dois. Então, suprimos na medida do possível. Até porque ele foi da *roda* e desconhece os familiares.

— *Agora, estou muito aflito! Nem o subsídio de Natal chega pra conta (acumulada) do merceiro...*

Já que referimos a Família, às vezes passam por nossa mão alguns casos de marginalização escandalosa. Temos de fincar pé nos deveres que a Família compete, no auxílio aos mais próximos, sangue do mesmo sangue.

Aliás, este elementar espírito de solidariedade tem-se esvaído com a *evolução* do tempo (que dizer em relação aos velhos...!), até mesmo em populações ou famílias marcadas por ancestral virtude comunitária.

Aliás, em sentido lato, Pai Américo pôs o dedo na ferida já na década de quarenta, no último conflito mundial, a propósito das carências alimentares, do racionamento, do *mercado negro* — do egoísmo.

Convém reactivar a partilha familiar. E suprir de mãos dadas à *família de cada um*.

● É Viúva. Tinha (tem) um rancho de filhos, mas a *pensão* não chegava para a broa... Então, nesses anos difíceis, os leitores partilharam; e ela também mourejava (quando podia...) para a família sobreviver, dignamente.

Crescem os filhos. Melhora a situação económica. E continua a ser como a mulher forte do Evangelho.

Ainda tem alguns filhos, em casa. Apoio directo que, junto à magra *pensão* e ao pequenino rendimento duns porquitos, davam a possibilidade de manter uma vida sem sobresaltos.

Mas, as horas más são muito dolorosas no reino dos Pobres. Sofre com *um filho doente que precisa d'auxílio*. Aqui, desdobra o lenço, fecha os olhos e enxuga-os de lágrimas sinceras, pois *«os meus porquitos morreram todos c'a doença. Eram o nosso arranjo pràs horas más»*. E conclui: *«Tenho tido muito atraso na vida... louvado seja o Senhor!»*

Quem procura os Pobres, sabe como esta linguagem é tão expressiva: *«Tenho tido muito atraso na vida... louvado seja o Senhor!»*

Ninguém diria melhor. Só os Pobres!

● Em tempos, botámos a mão a um jovem casal com dificuldades na manutenção da prole e no pagamento da renda de casa — o

maior calvário das famílias pobres.

Neste aspecto, ajudamos também outros agregados, remediando, assim, uma desumana *sangria* no dito *salário mínimo*, em benefício da alimentação das crianças.

Não se constroem moradias para os mais humildes! Ou são tão poucas que nem se dá fé! Quantos vivem em partes de casa?! Outros, sabe Deus como...!

Duma maneira geral, a classe de gente que referimos (elemento importante) nem sempre tem hipóteses de correr o risco nos domínios da Autoconstrução. Se, à partida, os lotes de terreno (de particulares), aprovados, são a peso d'ouro...!

Quanto se poderia fazer pela Autoconstrução, do ponto de vista oficial! Alguns municípios já *loteiam*, em sedes de concelho. Mas é necessário descer ao campo, deixar a *macrocefalia*, especialmente nas regiões ditas *intermédias*, prolongamento dos *dormitórios* das grandes urbes. Aproveitar riquezas latentes, bloqueadas por legislação ultrapassada, ausência de loteamentos municipais (de baixo custo), etc., etc.

PARTILHA — Travessa do Campinho, Rio Tinto, um vale de correio de mil escudos *«para o açúcar das rabanadas dos Pobres»*.

É Natal! Habitual presença da *«Assinante de Paço de Arcos»*, por cheque, *«com toda a amizade. Partilha de Novembro»*.

Outra peregrina muita assídua — *«Maria de Portugal»* — com dois contos, de Novembro e Dezembro. *«Depois, em Janeiro, se Deus quiser — acentua — retomarei a migalha mensal a favor da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa. Agradeço (oh delicadeza!) distribuam essas migalhas, pois não quero tirar aos outros o prazer de dar — como dizia o nosso mestre»*.

Contas em dia n'º GAIATO *«e o que vai além — afirma boa Amiga, de Pardelhas — é para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus»*.

Mais perseverança: *«Uma portuense qualquer»* destina aos Pobres 2.500\$00, *«migalhinha referente a Novembro e, com ela, toda a amizade pelo bem que se faz aos Irmãos carecidos de toda a espécie de ajuda»*.

Assinante 12313: A oferta chegou, oportunamente. Descanse! Já aqueceu uma lareira.

Alto lá! Aí vai trigo da mesma seara:

«Também sou vicentina e quero ajudar a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus com um pequeno auxílio».

Desejo-vos um santo Natal e que Pai Américo, no Céu, peça por nós e pelo nosso querido País — que também muito amou».

Somos testemunhas!

Margarida, da Cruz Quebrada, recorta d'º GAIATO um dos casos que topamos dia-a-dia e, sem mais quê, junta no sobrescrito uma nota de conto. Formidável!

Remanescente de contas da assinante 27598. Vale de correio, de 1.200\$00, e, *«por favor, respeitem o anonimato»*. Cumprimos, religiosamente, Dez rands, de Umbilo (África do Sul). Choquê, de 2.500\$00, do

assinante 32763 — Mortágua: *«Para darem ajuda aonde for mais precisa, ficando satisfeito se realmente fiz bem a alguém necessitado»*.

Pai Américo disse: *«Se quisermos ter sempre daquele mesmo pão que o corvo depositava diariamente nas mãos do Profeta, sabemos depositar, agora, do nosso pão no seio dos sem-fortuna. Nunca se viu o justo pedir esmola a ninguém; é uma verdade eterna. O corvo virá trazê-la, a seu tempo»*.

Mais uma alma a sangrar: *«Junto um cheque destinado à Conferência de Paço de Sousa. A aplicação ficará ao vosso inteiro critério, tendo eu a certeza de que este donativo não é mais do que uma gota no mar das necessidades»*.

Não se torna necessário acusar recepção, pois através da conta saberei do levantamento. Tomem nota, por favor, de que não posso aceitar agradecimentos».

Eu é que tenho motivos para agradecer e pedir desculpa de o meu egoísmo não permitir que reparta pelos Outros tudo o que me é supérfluo. Não preciso de forças para dar do que necessito. Ficava contente em repartir o supérfluo».

Um santo Natal para todos vós. Assinante 33337»

Retribuímos mensagens natalícias a todos os amigos dos Pobres. Glória a Deus nas Alturas!

Júlio Mendes

Pai Américo e o Centenário

Foram encerradas as comemorações do Centenário do Pai Américo. Muito foi escrito e falado sobre o homem que sacudiu o comodismo e frieza de muitos corações.

Ainda hoje, passados 31 anos, depois da sua morte, continua a mexer com pessoas e instituições que em vida o consideravam um *perigo*, pela maneira directa como denunciava esse comodismo.

Embora pareça incrível, Pai Américo em vida teve os seus contraditores.

Tivemos ocasião de ver no seu rosto momentos de amargura e desânimo causados pela incompreensão de certos sectores da sociedade portuguesa e de alguns cristãos. «Deixa tudo e segue-Mex», disse Cristo. Pai Américo assim fez e pregava essa doutrina, o que incomodava muitos.

A nível de Estado, também o comodismo de alguns responsáveis era sacudido pela voz e pelos escritos de Pai Américo.

Os ricos que não distribuíam os excessos da sua riqueza pelos mais desfavorecidos, também eram incomodados pela sua maneira destemida de falar e escrever.

Pai Américo, no entanto, era um homem sem medo. Nós, que tivemos o privilégio de o acompanhar durante alguns anos, nas suas idas a altares de igrejas e palcos de casas de espectáculo, sabemos quanto era destemido quando falava dos seus filhos e dos seus pobres. Não pedia. Exigia que lhe dessem pão para aqueles que não o tinham.

As suas palavras eram pontas de lança a espetar os corações adormecidos para que acordassem para a realidade. «Tu tens obrigação de dar pão aos meus filhos!», dizia Pai Américo ao dirigir-se àqueles que tinham possibilidades.

Nem toda a sociedade o compreendia. No entanto, uma coisa é certa: a massa anónima do povo estava sempre presente. Tivemos ocasião de ver, naquele tempo, quando Pai Américo falava nas igrejas ou nas casas de espectáculo, a sua capa, estendida no chão, ficar coberta de moedas, notas e objectos de ouro do povo anónimo. Recordo, numa festa do Coliseu do Porto, uma mulher simples do povo tirar as alianças do dedo e atirá-las para a capa, com algumas lágrimas de emoção. Pai Américo amava muito o povo simples e anónimo; e quando sucedia uma cena idêntica à descrita, recolhia-se e rezava.

Hoje, embora tardiamente, consolamos verificar que certos sectores do País já reconhecem quanto Pai Américo fez pela sociedade portuguesa.

Nas sessões solenes de Coimbra, Lisboa e Porto muito se falou de Pai Américo; alguns oradores com conhecimento directo da sua pessoa, outros não.

Na sessão do Palácio de Cristal, Porto, foi-nos grato ouvir, do Presidente da República, elogios à figura do homenageado.

Não consideramos isso suficiente. Queremos mais — o que Pai Américo sempre quis: melhores condições de vida para os portugueses mais carenciados, de maneira que não sejam necessárias Casas do Gaiato e Calvários. Queremos trabalho e casas para que os portugueses desprotegidos tenham uma maneira digna de viver, evitando que os seus filhos remexam caixotes de lixo para encontrar um pouco de pão para comer.

Carlos Gonçalves

Paço de Sousa

DESPORTO — No dia 29 de Novembro, a equipa A disputou um encontro de futebol com a dos Escuteiros de Vizela. Jogo muito rico de golos, para todos os gostos! Resultado final: 11-1 a favor da nossa equipa.

Em 7 do corrente, jogámos com um grupo do Calvário (Valongo). Muito aguerrido, mas ganhámos por 6-3.

Volto a convidar mais grupos desportivos a jogar connosco — para estarmos sempre em forma.

NATAL — Estamos a chegar ao Natal. Por isso, resolvi perguntar aos meus companheiros de trabalho, com os quais convivo todo o dia, que dêem uma ideia do que é o Natal.

Ai vão as respostas de alguns que frequentam a secção de composição manual.

Valdemar: «Natal é o cantar dos parabéns da Humanidade, na Igreja, pelo Nascimento de Cristo — Redentor».

Serafim: «É um acto que se celebra uma vez por ano, mas que se

deveria realizar todos os dias porque só assim haverá paz e felicidade no mundo».

«Cebola»: «Um momento de reflexão para pensarmos um pouco como é que vai a nossa vida interior; e pensarmos, também, a sério, na que temos pela frente».

Lupricínio: «O Natal é algo de especial que todos devemos festejar com alegria, amor e paz».

É um símbolo de Paz. Não devemos celebrar o Natal só no dia 25 de Dezembro, mas todos os dias».

Serafim

MIRANDA DO CORVO

S. MARTINHO — «Comem-se as castanhas e prova-se o vinho».

Tivemos dois magustos. O primeiro, com um grupo de jovens da Paróquia de Santa Cruz.

As castanhas estalavam nas fogueiras, rodeadas pelos jovens e toda a malta pronta ao ataque.

Apreciemos os mais pequeninos, em imagem: O Zé, que lhe chamam, também, «Gordo» (entrou, este ano, para a escola), de bolsos cheios e mãos a transbordar. Boquita inchada e empapada; agachado, quase por cima da fogueira, mexericando as castanhas no meio das cinzas.

Também o «Marco», no primeiro dia em nossa Casa, chorava e soluçava; mas, naquele momento, mastigava, sem se engasgar. Já entrou para a escola. Não tinha as mãos a transbordar. Sim, um monte delas, bem quentes, numa placa de madeira. Nos bolsos era igual ao Zé, sem estar debruçado sobre a fogueira. Mas quando o monte escasseava, com os pés a apontar a direcção apetitosa da fogueira em cinzas, deitava, lá dentro do seu íntimo, com os dedos naquele monte de castanhas.

Que bom! Deus oferece isto para vivermos, assim, em delícias!

E outros da mesma maneira; cada qual desenrascava-se como podia, debruçando castanhas como quem debruça a vida.

Houve sumo e, para os mais velhos, vinho e jeropiga.

Oito dias, depois, novo magusto. O grupo veio de Coimbra, Paróquia de S. José. Cenas idênticas...

Nesse mesmo dia tínhamos, em Casa, um outro grupo de Castelo Branco. Celebraram a Eucaristia na Capela e trouxeram o almoço contando também connosco.

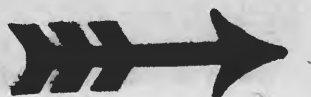
A eira serviu de refeitório sem cadeiras. Mesas expostas de variados farnéis e toca a comer. Chegou e sobejou! Cristo pediu o que havia. Também chegou e sobejou!

As 15 horas arrumou-se tudo. E, às 17 h, à volta das fogueiras, de castanhas na mão, juntaram-se os dois grupos. Formaram connosco um convívio maior.

Que dia bem passado!

NATAL — Os gaiatos desejam, a todos, Boas Festas e um Feliz Natal!

Guido



SETÚBAL

■ Vem aí o Natal!... E com ele... as prendas.

Numa Casa de família, como a nossa, aquelas são indispensáveis.

A noite de Natal é uma noite de sonho, de alegria e luz interior para todos; e de trabalho para os mais responsáveis. Distribuir prendas variadas a 140 rapazes, na escuridão, é tarefa difícil.

Depois da Missa do galo, da consoada e da festa, começa o chefe a mandar para a cama: «Adormeçam depressa para que o Menino Jesus não demore».

Ele há gente que se belisca, sem cessar, para não adormecer! Querem saborear o momento em que o chefe da Casa, silencioso e discreto, deposita aos pés da sua cama o lindo embrulho com os segredos deliciosos do Natal!

Todos aparentam dormir, mas alguns conseguem vencer o sono. Só fingem.

A noite santa é noite de sonho!

■ Um dos vendedores d'O GALATO foi, na penúltima quinzena, interrogado sobre os seus pais, num escritório onde todos o estimam.

Eu peço aos nossos leitores que tenham cuidado com certo modo de falar e querer saber.

Há inquirições que magoam. Ninguém lhes fale do que tanto lhes dói.

Lar de Coimbra

O período de estudo não entrou em descanso. Faltam algumas semanas.

Já se contam os dias da primeira etapa de aulas, p'ra cá e p'ra lá, horas sentados no mesmo lugar, na mesma sala, a ler e a escrever; também, a aprender e a exercitar. Tempo de aprendiz pelos livros que, a juntar a outras opiniões, são caros e inacessíveis a muitos estudantes.

A lei manda, melhor, obriga que a idade escolar seja até aos 14 anos. Certo! Temos que nos nivelar aos outros e combater o analfabetismo!

Será que a matéria-prima para a feitura do papel não é nossa? Continuaremos a importar sem termos recursos? As nossas exportações não equilibram o custo das importações?

Aqui, em Casa, as nossas pequenas estantes são um espelho do acarretar livros, de vários anos. Procuramos estimá-los. São biblioteca.

Livros houve que foram úteis de ano para ano...

No entanto, pensamos que haverá uma solução — para o bem de todos. E programas de estudo mais concretos, em termos de formação.

Somos vinte e cinco estudantes no Ensino Preparatório e Secundário.

Guido

Os nossos rapazes, hoje acolhidos e acarinhados, têm todos um passado trágico que ninguém deve esquecer. São simpáticos, atraentes, normais; mas não foram assim, antes. Deixem-nos esquecer o que não merece lembrança!

O rapaz desata num pranto inconsolável que a todos comoveu! Não é para menos a sua história triste!...

Querendo remediar e verificando o erro cometido, perguntaram que prenda desejaria no Natal, alvitando-lhe um carro telecomandado.

A criança sustém o choro, prendendo-se à posse de um brinquedo sofisticado.

Outro erro ainda maior! Se é verdade que os meus filhos têm os mesmos direitos que os vossos, é também verdade que uma grande parte das nossas crianças não recebe, nunca, prendas desta natureza. Isto é socialmente errado.

Não esqueçam que, sendo pobres, a nossa educação é baseada na solidariedade. Pelo facto de os verdes bem vestidos, e eles terem mesa abundante e equilibrada, escola, oficinas, casa de praia, etc., isso não os dispensa, antes os obriga, a serem mais solidários com os seus irmãos. Amanhã terão de ganhar o pão com o suor do seu rosto, gastar utilmente o seu rendimento em favor da própria família, sabendo também distribuir pelos Pobres, de forma a promovê-los.

Uma prenda tão cara e tão inútil só os vem prejudicar.

■ A Autoridade Civil do Distrito está determinada a sustentar o avanço do número enorme de **boites** e casas do género, nesta área territorial.

Graças a Deus pela sua coragem!

Atitudes destas são sempre impopulares, num ambiente degradante como é o nosso!

Fomos dos primeiros a clamar o horror desta praga porque a vivemos na carne!

Quantos filhos de mulheres mercadejadas, nestes antros de miséria moral, povoam as nossas Casas? Quantos!?

O número de crimes que ela arrasta aumenta de dia para dia. A degradação moral sobe em progressão assustadora!

Há dias, cheguei a Setúbal, noite alta, e, passando junto a duas, cruzei-me com uma avalanche imensa de carros estacionados de um lado e do outro da via pública. Muitos pares jovens aproveitavam a escuridão nocturna para se degradarem, em cenas chocantes, fazendo da rua o prolongamento da **boite**.

— Estamos nós num distrito de fome!, comentava eu com os meus botões!...

Há fome, sim. Os Pobres que recomeçaram a bater-nos à porta com o Inverno, proclamam-no eloquentemente; mas

há, sobretudo, um deserto infinito de solidariedade, um alheamento brutal às carências do irmão, uma ausência arripante de ideal, uma ignorância cega das razões de viver!...

Que as Igrejas Cristãs saiam

DOUTRINA



...Rentinho aos corações...
Por isso mesmo todos acodem.

● Recordas aquele doente da beira-mar para quem pedimos e obtivemos um comboio de roupas e coisas, em Março do ano findo? Pois esse simpático moço continua no mesmo posto, de brucos, a sofrer. Cem por cento das doenças que nos afligem no mundo, não são de curar, mas sim de sofrer; para assim haver felizes que sintam toda a verdade do «bem-aventurados os que sofrem» e bebam, sem veneno, toda a amargura dos seus males. Bem merece o nosso doente que a gente lhe pague a fêria; ele que trabalha vinte e quatro horas por dia sem reclamar nada, sempre contente e animado. Mais lençóis e panos e açúcar e dinheiro. São cinco bicas de pus!

● Deus não quer os teus sacrifícios, mas sim a tua misericórdia. Vem mais eu, no teu carro, para sentires a alegria do rapaz doente, apoiado nos cotovelos, ao receber das tuas mãos, em coisas pequeninas e insignificantes, o grande amor de Deus que não nos deixa ter paz nem descanso. E vê ali, pertinho, fora da choupana, o azul do céu nas ondas...

● Fui por aí abaixo regalado, em romagem, ao doente de Lavos, numa manhã gloriosa de sol e de geada, por entre choupos do Mondego, à vista de juntas de bois a virar terras de arroz; e de rebanhos da Estrela a limpar pastagens; e de cegonhas em seus ninhos, de atalaia, a mirar; e de botões da Primavera suspensos do arvoredado, silen-

Cont. na 4.ª pág.

à rua! São tantas as que operam em Setúbal! Denunciem. Acusem. Chorem. Ajudem a salvar, como é seu dever primário, esta geração jovem que caminha para o abismo.

■ O Lion's Club de Setúbal promoveu mais uma **feira da ladra**, a favor da Casa do Galato, num pavilhão do Parque das Escolas, em Setúbal,

cedido pelo Governo Civil, nos dias 28 e 29 de Novembro.

Começa a fazer tradição esta iniciativa dos nossos amigos. Não é, porém, por mero costume que se envolvem generosa e sacrificadamente em acções de tanto esforço, mas dinamizados por uma devoção profunda à nossa Obra.

Padre Aclio

Calvário

◆ Aconteceu ter de falar a vicentinos, numa reunião. Ficaram um pouco chocados quando lhes afirmei que conhecia Conferências sem Pobres — parecidas a comunidades «buliçosas» sem Cristo.

Como é possível? É. Bicicletas suspensas, de rodas vivas no ar, mas que não chegam à parte alguma.

De facto, sem Pobres é impossível a partilha de bens e do amor. Imprescindível o contacto pessoal. Neste, o nascer e o crescimento da amizade, do interesse pelo amigo, do conhecimento dos seus problemas. Vem, a seguir, a ajuda sem magoar; e a entrada, com ternura, na alma do amigo para o renascimento da fé.

Só, apressadamente, pão e vales para o leite, não. Um vicentino tem que amar totalmente e abraçar, profundamente, até à linha de Eternidade.

Foi assim Pai Américo. Os seus Pobres eram os seus amigos. O conhecimento. A visita. O sentar-se nos catres para, na intimidade, partilhar o amor e o pão.

As descrições das suas visitas aos Pobres, no livro **Barredo**, são um deslumbramento.

Padre Telmo

Rescaldo das Festas

Não é tarde nem cedo. É a hora!

Fechámos a digressão de Festas, realizadas pelos nossos Rapazes, na região Norte, enquadradas na comemoração do Centenário do Pai Américo, com uma actuação no estabelecimento prisional de Santa Cruz do Bispo; e com pena, por motivos ponderosos, de não levarmos um abraço de Paz, de Esperança, aos Reclusos de Paços de Ferreira e de Custóias.

Estas presenças são um regresso às fontes!

Foi na Penitenciária, em Coimbra, na década de 30, em contacto com os Reclusos, escutando as suas almas com a

Graça sacerdotal — um dia, outro e outro, como Missionário do Pai Celeste — que Pai Américo se inspirou, não a resolver o complexo problema dos Reclusos — jamais teve a pretensão de resolver problemas... — mas a demonstrar, por a + b, quanto se pode fazer para que haja menos deles, nos estabelecimentos prisionais.

Primeira experiência: o Lar do Ex-Pupilo dos Reformatórios, na Lusa-Atenas, entregue ao Ministério da Justiça em 1950. Os moços, emancipados, largavam as Tutorias; mas, alguns, sem família, perdiam-se

Cont. na 4.ª pág.

A seara é grande...

É constante no Reino de Deus a desproporção entre a grandeza da seara e o pequeno grupo dos agricultores. Jesus o disse. **Pusillus grex** lhe chamou. E a Sua obra imediata foi retirar do peixe pescadores, para o mar imenso dos homens a trazer à Rede com que também figurou o Reino.

Retirar...! Aqueles que Deus chamar à Sua pesca têm sempre que deixar. Primeiro, deixar barca e redes. Depois, é que vem o «Segue-Me». Ele é o Mestre da companhia. É

Quem dá a luz e a força ao chamado para deixar o que o ocupava. E depois lhe indica o trabalho: o lugar e o modo de o executar.

Eis a grande dificuldade para quem aposta nas certezas visíveis: Deixar... Não é que Deus não chame! O que falta é a audácia confiante no chamamento por causa de Quem chama.

Mas o Evangelho diz de uma maneira mais subtil: Fala de uma seara promissora de frutos — e não há quem os recolha. É essa dor que faz gritar os grandes apaixonados, aqueles que não resistiram à chamada de Deus e trouxeram muita certeza boa pela aventura da missão.

Francisco Xavier foi um deles. Celebrámo-lo dia 3 de Dezembro. Oçamo-lo:

«Viemos por povoações de cristãos que se converteram, há uns oito anos. Nestes sítios não vivem portugueses por a terra ser muitíssimo estéril e extremamente pobre. Os cristãos destes lugares, por não terem quem os instrua na nossa fé, somente sabem dizer que são cristãos. (...) Se houvesse quem os instruisse na fé, tenho por certo que seriam bons cristãos.

Muitos deixam de se fazer cristãos, nestas terras, por não haver quem se ocupe de tão

santas obras. Muitas vezes me vem ao pensamento ir aos colégios da Europa, levantando a voz como homem que perdeu o — juízo e, principalmente à Universidade de Paris, falando na Sorbone aos que têm mais letras que vontade para se disporem a frutificar com elas. E, se assim como vão estudando as letras, estudassem a conta que Deus Nosso Senhor lhes pedirá delas e do talento que lhes deu, muitos se moveriam a procurar, por meio dos Exercícios Espirituais, conhecer e sentir dentro de suas almas a vontade divina, conformando-se mais com ela do que com suas próprias afeições, dizendo: — «Senhor, eis-me aqui; que quereis que eu faça?» Mandai-me para onde quiserdes; e se for preciso, até mesmo para a Índia.»

Isto foi há 450 anos. Francisco Xavier sentia mais na própria carne o problema da sua Índia: «Mandai-me para onde quiserdes; e se for preciso, até mesmo para a Índia.»

Mas hoje é igual. Cada um que Deus chama a uma missão sente a respeito dela como Francisco Xavier sentia da sua Índia: Vê os frutos que se oferecem, vê tanto terreno inculto que os poderia dar — e não há quem os cultive nem sequer quem os colha!

Outro dia, de um Reitor ami-

do de um Santuário lhe ouvi, já pela segunda vez:

— Será que sofreremos a vergonha de vos não darmos vocações?!

Seremos sempre poucos — é a marca do Reino! Mas havemos de ser os suficientes para a Obra ser — confio.

Dois Franciscos, santos, empolgaram: Pai Américo: o «Pobrezinho» de Assis e o grande Missionário do Oriente. Que

Eles três intercedam pelas vocações necessárias à manutenção e dilatação (já que, infelizmente, também necessária) desta pequenina porção do Reino que é a Obra da Rua.

E quem sabe se o Deus-Menino, na Festa do Seu Natal, não tem para nos dar alguma prenda substancial, Ele que tão magnânimo tem sido, e é, nas acidentais...

Padre Carlos

Tribuna de Coimbra

■ De passagem naquela vila fui visitar as casas do Património dos Pobres, feitas e cedidas, há muitos anos, com muito sacrifício e amor.

Eu já tinha um lamiré, mas não calculava tanta degradação. Informaram-me de que uma família tinha comprado as casas. Uma, airosa e bem conservada, é habitada pelos proprietários. Outra, por família pobre, já há anos. Estavam à porta. Uns sentados, outros de pé. Pareceram-me todos doentes, psíquicos e físicos.

A moradia defumada, a pobreza dos móveis em desalinho. Tudo muito sujo. O quintal totalmente inculto.

Na minha amargura pedi que não destruíssem mais a habitação ou que retirassem da parede a placa «Património dos Pobres».

A minha amargura continuou na viagem e nos dias seguintes. Poucas vezes tenho encontrado um cenário assim, tão escaldante. A voz agressiva e a cara doentes daquela mulher. A doença das pernas do marido. As muletas envelhecidas do pai. As lamúrias do irmão. A indiferença dos filhos, pequenos ainda. Toda esta gente muito mal abrigada naquela habitação em ruínas.

E, na minha amargura, fui pensando que estes são os que têm mais necessidade de nós e do nosso amor. Mais necessidade de casa com condições de vida humana. Vou procurar os Vicentinos daquela terra e animá-los e dar uma reparação àquela moradia e àquela família muito caída.

■ Bateu à porta e entrou aquele rapaz novo. Já assim tem feito mais vezes. Vinha pedir ajuda para reconstruir uma casinha muito velha que quer habitar.

Fui vê-la e, no dia seguinte, o nosso tractor levou materiais

de construção e os nossos carpinteiros foram soalhar e dividir.

O barracão que era, ficou diferente. Embora sem condições boas, mas a servir àquele casal novo com um filhinho ao ao colo e outro escondido na mãe.

Já tem um pobre abrigo para nascer. Que nasça, como Jesus Menino, num lugar pobre, mas com o carinho dos seus.

O rapaz dono e seu irmão foram os pedreiros da obra. Ontem visitei-os; e há mais alegria naquela habitação pobre do que tenho encontrado em muitas casas ricas.

■ Passei pelo casarão onde habita uma família de seis pessoas. Tudo telha vã e esburacada. Paredes de pedra nua. Chão de terra batida, coberta com papéloes. Quatro camas à vista. A cozinha, fora, num barracão. A retrete é o terreno à volta. Mais nada.

Aquela noite foi fria, mas o frio aumentou com o desabrigo daquela família irmã.

Pedreiros e carpinteiros trabalham para que esta família passe um Natal mais feliz.

Feliz Natal para todos.

Padre Horácio

— IMPORTANTE —

Sempre que o Leitor escreva para as nossas Casas — por mor d'O GAIATO ou de livros da Editorial — faça o favor de indicar o número da assinatura e o nome e endereço em que recebe as nossas edições.

DOCTRINA

Cont. da 3.ª pág.

ciosos, entumecidos — vida que vai desabrochar. Conduzia, no regaço, o comboio de migalhas, em nada comparado com aqueles de toneladas e de quilómetros que tu conduziste o ano passado à Espanha...

● Este, era feito de uma lágrima de açúcar, alguns fios de azeite, dois dedos de linho tecido — migalhas para alimentar a vida do nosso enfermo, hóstia em sangue: «Deitei-me aqui aos dezanove, tenho hoje trinta e seis, sempre no mesmo ser!» O mundo ainda hoje não sabe julgar nem distinguir quem são os maiores na terra.

● Não quiseste vir mais eu; não sabes quanto perdeste. Podias ganhar o Céu como quem brinca. Com os teus bens podias fazer o Bem, ser enfermeiro das almas, gozar a vida com todas as letras — e não queres nem acreditar! Toda a alegria que vai nos corações dos Pobres que visitamos, passa primeiramente pelo nosso. Aquele «ai quem aqui vem!» deles, encontra-se no mesmo sítio com o nosso «ai quem aqui está!».

● Deus coloca no nosso coração, por milagre da Graça, aquele não sei quê misterioso que por milagre da Natureza coloca nos corações dos pais: certa amabilidade que faz sorrir e saltar seus filhos no berço... e os nossos Pobres na cama.

● Se tu, ao menos, duvidasses e quisesses tirar a prova! Tantas feridas de doentes que podias tocar hoje, com as tuas próprias mãos, como quis fazer outrora às de Cristo Ressuscitado o apóstolo incrédulo! Então, sim, que dirias também ao pé deles, convencido, rendido: — Dominus meus et Deus meus!

D. Américo!

Rescaldo das FESTAS

Cont. da 3.ª pág.

na família da rua. Regressavam ao crime.

Depois, as Casas do Gaiato... Ao longo de quarenta anos, quantos jovens cidadãos subtraíram às Cadeias!!

A presença em Santa Cruz do Bispo, para nós outros, teve um significado especial. Levámos a mensagem de Pai Américo, Pai dos sem família. Quantos por lá estão, marginalizados...

Os responsáveis acolheram-nos de braços abertos, apesar do feriado com vigilância mais atenta por ser dia de visitas. Festa da Mãe do Céu, coração magnânimo permanentemente aberto aos pecadores!

Antes da actuação — que motivou a alma dos Reclusos — o Director ofereceu um jantarinho ao elenco. Durante o programa, houve quentes aplausos e todas as caras reflectiam alegria, sorrisos d'amizade.

De resto, nas salas onde actuámos, por todo o Norte do País, onde se exibiu o programa elaborado pelo Bernardino e Júlio da Silva, homenageámos o Centenário do Pai Américo, cuja Vida e Obra conti-

nuam presentes na alma do povo português.

Muita fraternidade, muita generosidade! As empresas das salas abriram as mãos. Não contabilizaram receitas. As capas negras dos Padres da Rua recolheram fortunas materiais e espirituais. Desde embrulhos e guloseimas de toda a espécie, até óculos da viúva — gente pobre que tira à boca para dar aos mais pobres. Somos testemunhas.

Em suma, uma palavrinha de gratidão aos aveirenses, pela tradicional ceia no fim da Festa (recolhida e preparada pelos colaboradores do Teatro). Idem, a duas senhoras idosas, de Braga, pelo habitual merendeiro. Levirão, para a Eternidade, a Obra da Rua no coração. Idem, àquela senhora dum Pomar, que foi em Santa Catarina. Para a Festa no Coliseu, do Porto motivou a gerência da Pasolini por canastras de croissants; e outro comerciante, por fruta do mercado.

Mais e mais, diria Pai Américo.

Para todos, até à próxima. E votos de santo Natal.

Júlio Mendes



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Panafiel-Tel. (055) 52235
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Panafiel